

No palco o brasileiro Machado de Assis

Cláudia Medeiros de Araújo

Pós-Graduanda do Curso de Geopolítica e História FFM/FIP

Resumo: este texto tem por pretensão fazer uma rápida discussão das possibilidades de se trabalhar com a história e a literatura, seguida de uma breve biografia de Machado de Assis e por fim, analisaremos a escrita do autor. Para isso dialogamos com autores como Michel Foucault (2002) , Vavy Pacheco Borges (2000), Sidney Chalhoub (2003) que nos auxiliaram a analisar que “verdades” foram criadas e instituídas por Machado de Assis sobre a sociedade brasileira, na qual tem o poder de construir/desconstruir, inventar/reinventar os sujeitos. Dado que a identidade social é algo construído, pretendemos discutir a vida de Machado de Assis dentro de uma rede de relações, desnaturalizando ao mesmo tempo o seu lugar social e discutindo como o escritor se transformou em sujeito do discurso.

Palavras-chave: literatura-história-“verdades”- Machado de Assis

1.1 Os encontros e desencontros entre a história e a literatura

Antes de refletirmos sobre a vida e as obras de Machado de Assis, faremos uma rápida discussão a respeito da relação existente entre a história e a literatura. Essas são formas de conhecimento do mundo e da realidade.

Nas três últimas décadas a linguagem literária tem sido vista pelos historiadores como um instrumento de reinvenção, reelaboração e produção do saber histórico. E esse diálogo entre a história e a literatura só se tornou possível em razão da crise dos paradigmas de análise da realidade, o qual se firmava na idéia de uma verdade única, pronta, definitiva e acabada; criadora de uma determinada ordem social.

Assim, é compreensível que no século XIX, século em que Machado de Assis nasceu e produziu a maior parte de seus textos, a literatura fosse vista pelos historiadores positivistas como uma fonte secundária e complementar, a qual não se voltava para uma verdade particular, acontecida e sim para uma verdade desejada, ficcionalizada. Entretanto,

[...] por uma mutação que não data de hoje, mas que, sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é o seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece series, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. (FOUCAULT, 2000, p. 7).

Ou seja, no século XX, o documento ganhou um outro sentido. Já a literatura, conforme Sidney Chalhoub (2003, p. 92), “[...] busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou o espelho da ‘matéria’ social que representa e sobre a qual interfere.”

Deste modo, como nos mostrou Sidney Chalhoub (2003), no livro “Machado de Assis Historiador” os textos literários não são neutros ou imparciais, mas sim, um produto da sociedade na qual o autor viveu e cujas obras estão impregnadas de falas, lacunas e silêncios.

Assim, o historiador ao analisar o contexto em que as obras foram produzidas, quebra alguns silêncios e preenche algumas lacunas no que diz respeito ao processo histórico.

A exemplo, a operação de análise histórica, possível, da lei de 28 de setembro de 1871 e seus efeitos que estão no centro de romances como “Helena”, “Memórias póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro” de Machado de Assis.

Segundo a autora Cláudia Freitas de Oliveira (2003), no texto “Relações de sentidos e possibilidades”, os distintos caminhos e visões em torno da literatura no campo de trabalho do historiador, se refere com detalhes a alguns de seus sentidos elaborados no decorrer do tempo. A mesma nos lembra que o trabalho com a literatura se constitui numa nova perspectiva de se pensar a história e que o historiador ao fazer uso da literatura tem a possibilidade de reconstruir o passado, salvando a integridade do autor.

Nesse sentido, a partir dessa possibilidade de diálogo existente entre a literatura e a história analisaremos as obras “Helena”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Esaú e Jacó”. Esses textos produzidos pelo autor Machado de Assis eram lidos por um público que possuía em comum com o autor o fato de estarem vinculados a sociedade brasileira do século XIX. Ou seja, podemos afirmar que esses textos são fruto das relações dinâmicas entre autor-leitor-sociedade. Mas, como se produz essa relação dinâmica? Quem é o autor Machado de Assis? Quem era o público leitor de seus textos? Como era a sociedade que Machado de Assis e seu público viviam?

1.2 Uma leitura de Machado de Assis e seu mundo

Machado de Assis produz seus textos a partir da relação interativa existente entre as práticas e representações, ou seja, o autor e o público leitor circulavam entre esses pólos que, de certa forma, corresponderiam conforme Roger Chartier (1987), a uma forma de apreensão e percepção do social que:

[...] não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] que tendem a impor uma autoridade a custo de outros por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a

justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas [...]. (CHARTIER, 1987, p.17).

Ou seja, o social é abordado através dos lugares de produção dos discursos os quais, apreendem e dispõem em uma certa ordem o real, que são as representações, que através de certas práticas, constituem uma determinada leitura de mundo em um determinado lugar. Buscando com isso, dar sentido a uma determinada realidade social.

Machado de Assis vai fazer uso da escrita que, conforme Michel Foucault (2000), em sua obra “O que é um autor” se constitui num jogo de representações as quais, organizam uma determinada imagem do autor, ou seja:

O papel da escrita é construir, com tudo o que a leitura constitui um ‘corpo’ [...] como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’ [...]. Ela transforma-se no próprio escritor, num princípio de acção racional. (FOUCAULT, 2000, p. 143).

Mas antes de discutirmos como o autor transformou as coisas que ele viu e ouviu “em forças e sangue” teceremos uma rápida trajetória de vida do indivíduo Machado de Assis, isto é teceremos uma biografia do mesmo a partir do que já foi escrito sobre o mesmo, no entanto, é preciso que pensemos a respeito da cronologia a qual parece ser unidirecional e a trajetória de vida que segundo Pierre Bourdier (1998, p. 189) é uma “[...] série de ‘posições’ sucessivamente ocupadas por um mesmo agente, (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. O autor, ao longo do texto, critica as biografias factuais e lineares as quais discutem os sujeitos históricos como se esses fossem personalidades harmoniosas, coerentes e estáveis. Nessas biografias a vida dos sujeitos históricos não é dotada de brechas, sombras e áreas inertes as quais são responsáveis por produzir um duplo significado e sentido as vidas dos sujeitos históricos.

Portanto, além de termos nos aproximado de Pierre Bourdier (1998) também dialogamos com os autores Vavy Pacheco Borges (2000); Michel Foucault (2000) e José Carlos Reis (2001) com a finalidade de discutirmos a vida e a obra de Machado de Assis. A autora Vavy Pacheco Borges (2000) discute em seu texto as idas e as vindas das biografias no decorrer da história; para isso, apresenta como as essas eram escritas ao longo da história, as

razões que levavam um sujeito a refletir a vida de outros sujeitos, como também discute as dificuldades que o historiador enfrenta no tocante à aquisição de fontes, também discute o trabalho de alguns estudiosos que se dedicaram / dedicam-se as biografias, além de a mesma discutir o trabalho com as fontes, enfim no texto “Grandezas & Misérias da Biografia” a autora dialoga com o leitor a respeito da relação existente entre sujeito-historiador-objeto de pesquisa.

Michel Foucault (2000), analisa as condições, que proporcionariam a um indivíduo cumprir a função de autor. E, José Carlos Reis (2001) ao discutir as formas de biografar atualmente a vida de um sujeito histórico para o autor, nos fez compreender que “[...] a biografia retorna com pressupostos diferentes, visando a outros objetivos, tomando uma nova estruturação.” (REIS, 2001, p. 141). Mas, o autor nos informa que falar em “retorno” é algo problemático, pois se cria a impressão de que a história abandonou totalmente a biografia durante um longo período de tempo, quando na “verdade” sabemos que as essas sempre existiram e o que houve foi uma reestruturação destas.

Nesse sentido, após conhecermos as diretrizes dos pensamentos dos autores discutidos acima, percebemos que os escritos de Machado de Assis ou a respeito dele refletem diretamente ou indiretamente uma série de acontecimentos que nos auxiliarão a constituir a vida pessoal e profissional de Machado de Assis, o qual nasceu numa humilde casinha do morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, onde residiam um pintor de paredes, mulato, chamado Francisco de Assis e uma portuguesa, lavadeira, chamada Maria Leopoldina Machado de Assis, a qual trouxe ao mundo no dia 21 de junho de 1839 um menino mulato, que foi registrado como Joaquim Maria Machado de Assis. De acordo, com Carlos Faraco (2000, p. 4), o menino:

[...] presenciou a morte da única irmã. Quatro anos depois, morreu-lhe a mãe. Em 1854 o pai casou-se com Maria Inês. Aos 14 anos, já podemos encontrar o menino Joaquim Maria ajudando a madrasta a vender doces para sustentar a casa, tarefa difícil depois da morte do pai. Se frequentou escolas regularmente, não se sabe. O que se sabe é que nessa altura já sabia escrever.

Difícil acreditar que um menino magro, nascido no morro, neto de escravos alforriados, tímido, sem graça, órfão e gago fundaria no final do século XIX a Academia Brasileira de Letras sendo eleito presidente primeiro e perpetuo. Entretanto, a trajetória não

foi fácil, mas podemos hoje afirmar que valeu a pena não só para ele como para a cultura brasileira.

O menino de subúrbio vai se interessar na adolescência pela vida intelectual da Corte onde o mesmo passou a viver grande parte do seu tempo já que deixou de vender doces pelas ruas da cidade e se empregou como aprendiz de tipógrafo, tendo como tarefa corrigir os eventuais erros que o tipógrafo cometesse. Com essa tarefa o então adolescente Joaquim Maria Machado de Assis aperfeiçoou e muito seus conhecimentos em língua portuguesa.

Com 15 anos de idade o adolescente Joaquim Maria viu publicado nas paginas do jornal Marmota Fluminense seu primeiro poema. Nas palavras de Carlos Faraco (2002, p. 6) “Nada de excepcional, é bem verdade. Era apenas o começo: a estréia literária de Joaquim Maria Machado de Assis.” Entretanto, como pode um escritor dizer “Nada de excepcional”? Se foi neste momento que o adolescente se transforma em autor saindo do anonimato e reorientando seu campo de conhecimentos já que o mesmo entrou em contato com vários jornalistas e escritores importantes do período.

O jornal em que se publicou o poema era editado numa livraria que havia se transformado em ponto de encontro dos escritores da época. Foi lá que Machado de Assis ganhou protetores como Paula Brito – dono da livraria e do jornal -, Manuel Antônio de Almeida -, já conhecido romancista -, e um padre que ensinara o latim ao adolescente. (FARACO, 2000, p. 6).

Admitido, logo depois a redação do jornal Marmota Fluminense começou a publicar seus textos em vários jornais e revistas. Em relação a importância do jornal naquele momento Azevedo e Assis (1994), o autor escrevia para o seu publico especialmente o feminino. E mais:

Quando Machado de Assis publicou ‘Frei Simão’ no Jornal das Famílias, em junho de 1864, praticamente iniciando a sua carreira de ficcionista, o jornal é um dos veículos mais importantes, senão o mais importante, no processo de publicação de literatura e o romance, dentro da prosa de ficção do século XIX [...]. (AZEVEDO; ASSIS, 1994, p. 44).

Entretanto, para o autor se entregar livremente a ficção ele teve que ser apoiado por uma carreira burocrática, primeiro no “Diário Oficial” e posteriormente como ressaltou Sidney Chalhoub (2003), exerceu a chefia da segunda seção da Diretoria da Agricultura do Ministério da Agricultura, de meados de 1870 até o final da década de 1880. Já que trabalhar nos jornais do Brasil no século XIX, não proporcionava segurança econômica. Carlos Faraco (2000, p. 15), quando discute a situação financeira de Machado de Assis, afirma que “[...] o desapego a glórias e ambições não resolvia o problema da subsistência. Houve dificuldades antes e após o casamento [...].” Segundo, Elias Thomé Saliba (1998, p. 303) “[...] a grande maioria dos brasileiros, não tinha o hábito de ler jornais [...].” E a classe senhorial era a personagem importante dos jornais, ou seja, o jornal falava para ela e a respeito dela. Classe social que se sustentava na escravidão e no clientelismo seguidas das regras da burguesia oitocentista, classes que detinham o poder da leitura.

Neste sentido, podemos dizer que Machado de Assis pode ser visto como um representante de uma minoria ínfima da população negra ou mestiça que ascendeu socialmente. Deste modo, como sugeriu Emília Víotti da Costa (1977), Machado de Assis se constitui num caso de exceção já que o mesmo viveu numa sociedade agrária e escravocrata onde não existia espaço para a instrução e o desenvolvimento cultural de um indivíduo mulato e pobre.

Entretanto, preferimos dizer que Machado de Assis se constitui num texto dentro de um contexto, ou seja, ele era um sujeito cuja identidade social se formou num período em que o número de indivíduos de cor que ocupava posição superior aumentava. As razões disso é o crescimento urbano, o aumento dos serviços burocráticos e administrativos após a emancipação política, o desenvolvimento do comércio, a lenta eliminação do trabalho escravo nos centros urbanos surgindo assim, novas chances do trabalhador livre, como o mulato, ascender socialmente.

Em relação a sua vida pessoal, pouco se tem conhecimento. Apenas que foi casado por 35 anos com Carolina Xavier de Novais senhora portuguesa de boa cultura na qual Machado se inspirou para criar a personagem Dona Carmo de “Memorial de Aires”. Entretanto, sua amada morreu em 1904, porém, antes de morrer viu Machado se tornar o presidente, em 1897, da Academia Brasileira de Letras, que pode ser vista como uma instituição que simbolizava que o país dava início a uma total autonomia literária e uma identidade cultural mais autêntica para o meio intelectual, constituído principalmente pelos escritores brasileiros os quais buscavam o reconhecimento da criação literária.

Afinal de contas, como nos lembra Roberto Ventura (1991, p.102-103), a partir de 1898 o país se estabilizou no campo político, levando os escritores a abandonarem a luta pela regeneração nacional um dos ideais da geração de 1870. Sua incumbência se tornou literária, voltada para a vida profissional do crítico e do escritor, o que se tornou notório com a criação da Academia Brasileira de Letras no ano de 1897, fruto da luta dos acadêmicos, a exemplo de José Veríssimo, os quais se encontravam na *Revista Brasileira* para discutir temas estéticos e literários sem nenhuma ligação com assuntos políticos.

No entanto, mesmo antes esses acadêmicos serem reconhecidos no meio intelectual, Machado de Assis já tinha desabrochado e se tornado o “mestre” Machado de Assis. Com seu estilo sutilmente irônico, Machado escreveu poesias – “Crisálidas” (1864); “Falenas” (1870); “Americanas” (1875) – contos – “Contos Fluminenses” (1870); “Histórias da Meia -Noite” (1873); Papéis avulsos(1882); “Histórias sem data” (1884); “Relíquias da casa velha “ (1906) – e romances – “Ressurreição” (1872); “A mão e a luva” (1874); “Helena” (1876);Iaiá Garcia (1878); “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1881); “Quincas Borba “ (1891); “Dom Casmurro” (1889); “Esaú e Jacó” (1904) e “Memorial de Aires” (1908), última obra do autor já que o mesmo morreu de um câncer na madrugada de 29 de setembro de 1908.

Assim, como nos lembra Leda Tenório da Motta (2000, p. 182), ao analisar o romance “Quincas Borba” , o autor é o cronista do Brasil “[...] tão mais cruelmente fiel quanto ele próprio, vindo de condição humilde e passando pelo empurrão do favor, realiza aí sua carreira ascensional [...]”, e se transforma numa “fera” da literatura que ajudou como nos lembra Sidney Chalhoub (2003) a registrar a história do Brasil.

1.3 Em cena as obras machadianas

Machado de Assis esquadrinha a burguesia oitocentista, que vivia conforme as convenções, para isso o autor deixa as máscaras do jogo das relações sociais caírem, mostrando conforme, Marcos Bagno (2005), o contraste existente entre a aparência (o que as personagens evidenciam ser) e a essência (o que as personagens são). Daí este se preocupar muito mais em analisar as personagens do que com ações e os poucos fatos estão interligados por reflexões profundas. Mas, que fatos são esses que o autor priorizou?

Podemos dizer que Machado de Assis utiliza, em suas obras, de forma artística eventos presentes na história brasileira, pois como lembra Paul Veyne:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração [...]. Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos (VEYNE, 2000,p.18)

Com isso, na obra “Helena” Machado de Assis explora as situações embaraçosas vividas pelas pessoas pobres e livres que vivem numa sociedade escravista, onde os bens possuem forma mercantil. Para isso, Machado de Assis conta a história de uma jovem que, de maneira inesperada, sobe na escala social. Tudo inicia com a morte do Conselheiro Vale, homem rico, que tinha um relacionamento com uma mulher que havia migrado do Rio Grande do Sul, a mesma já tinha uma filha a qual ele reconhece como sua.

E, no testamento, consta que Helena, moça internada num colégio de Botafogo é sua filha, segredo que o Conselheiro mantivera até a morte. Ainda no testamento consta que a mesma deveria tomar seu lugar na família. Com isso, Helena mesmo sabendo que não é filha do Conselheiro não revela a verdade pois, deseja ascender socialmente. Com isso, passa a viver com Dona Úrsula, irmã do Conselheiro, que recebe a moça com uma certa desconfiança. Estácio, agora meio-irmão, que sempre foi um bom filho cumpri o pedido do pai sem questionar nada. Já Dr. Camargo, amigo do Conselheiro Vale e médico da família, não ver com bons olhos a chegada de Helena, pois o mesmo queria casar sua filha Eugênia com Estácio e assim ficarem ricos e Helena representava mais um familiar que diminuiria a parte da herança de Estácio.

Helena em face de seu jeito expansivo e comunicativo, conquista a amizade e o carinho de Dona Úrsula e de Estácio. Mendonça, amigo de Estácio, apaixonou-se pela moça. No entanto, Helena também se tornou objeto de amor do próprio irmão, que, no entanto, está noivo de Eugênia. O padre Melchior, guia espiritual da família, suspeita dos repetidos encontros entre Helena e Salvador, numa simples casa, próxima a chácara do Conselheiro. O mistério é desvendado: Salvador é o pai de Helena, que fora arrebatada pelo Conselheiro, se responsabilizando pela educação da mesma. Helena, profundamente abalada com todas as revelações, mesmo com a chance de poder casar com Estácio adocece e morre.

“Helena” se constitui num registro da estrutura de dominação senhorial, pois preocupado em revelar “verdades” históricas, Machado de Assis constrói personagens como Estácio que pode ser visto como “[...] o hábil depositário de uma tradição, um chefe de família/senhor/proprietário, garantidor e continuador de toda uma hegemonia política e cultural.” (CHALHOUB, 2003, p. 23). Com isso, Machado de Assis elabora a obra pontuando-a com dados do cotidiano os quais, são vistos pela “Nova História” como fatos históricos localizados dentro de um contexto.

Já, em “Memórias póstumas de Brás Cubas”¹, Machado de Assis faz uma autobiografia de Brás Cubas², o qual depois de morto decidi escrever suas memórias. Entre os fatos ligados a sua vida, destacam-se, como nos lembra Roberto Schwarz (2000) ao dialogar com John Gledson, fatos políticos vividos no país como por exemplo:

[...] Independência, Abdicação de D. Pedro I, a Maioridade, a Conciliação do Marques do Paraná, a Lei do Ventre Livre, a Abolição, a República. Segundo a indicação de Gledson, mais do que simples localizações no tempo, as datas apontam as questões históricas e a posição dos caracteres tomam emprestado a substancia. No extremo, esta leitura transforma o romance em alegoria política. (SCHWARZ, 2000, p. 74).

Ou seja, podemos dizer que a obra “Memórias póstumas de Brás Cubas” se constitui numa visão das grandes sínteses, uma vez que a descrição histórica é a representação dos fatos, e não o próprio fato em ação. Assim, para representá-los o autor os relaciona com a vida de Brás Cubas. Para isso, destaca seus amores ainda na adolescência por Marcela, suas intenções para a vida política, sua amizade com o filósofo Quincas Borba e seu caso amoroso com Virgília, esposa de seu amigo Lobo Neves.

E por ultimo, a obra “Esaú e Jacó” os personagens Pedro e Paulo, são irmãos gêmeos e inimigos no que diz respeito ao sistema político, pois, Pedro é monarquista e conservador e Paulo republicano e liberal além, dos dois disputarem o amor da jovem Flora.

¹ Publicado em folhetim no ano de 1880 na Revista Brasileira e editado em livro no ano posterior.

² No primeiro capítulo o autor diz: “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo principio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moises, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco” (ASSIS, 2002, p. 18).

Ou seja, em “Esaú e Jacó” Machado de Assis desvenda a passagem do Império para a República de forma dialética onde predomina uma espécie de comunicação entre a obra e texto literário com “obras/textos” não literários, como também há um distanciamento crítico do narrador. Com isso, os dados da historiografia foram utilizados pelo autor como fonte motivadora, mas, o que preponderou foi à relativização e a contextualização dos fatos, como resultante de um grande enredo.

Enfim, podemos dizer que a partir destas três obras, Machado de Assis faz uso de inúmeros “fios” os quais, são “tecidos”, tornando-se assim um novo texto entre os quais, o autor deixa transparecer, em sua escrita sua visão de mundo, isto é sua forma de enxergar, analisar e representar a realidade brasileira.

1.4 O artista que fala com o leitor a respeito do Brasil

A escolha das obras discutidas acima não se deu ao acaso “Helena” foi escolhida por ter sido escrita no ano de 1876, porém, o autor relembra as praticas sociais e as condições que vigoravam nos anos de 1850. Sendo necessário ler a obra em suas duas historicidades a da narrativa e da escrita buscando discutir a crise social que vigorava neste período.

Neste período permanecia existindo senhor versus escravo; latifúndio versus dependentes; trafico negreiro versus monocultura de exportação em contexto local e internacional alterados. As idéias de colonização e de Absolutismo estavam sendo substituídas pelas oitocentistas do estado nacional, liberdade de expressão, igualdade perante a lei, trabalho livre. Conforme Robert Schwarz (2000, p. 37), “[...] a ligação do país à ordem revolucionada do capital e das liberdades civis não só mudava os modos *atrasados* de produzir, como os confirmava e promovia na pratica fundando neles uma evolução com pressupostos *modernos*, o que naturalmente mostrava o progresso por um flanco inesperado.”

Já no que diz respeito, a “Memórias póstumas de Brás Cubas” podemos dizer que a mesma é revolucionaria a partir da própria estrutura já que é elaborada a partir de memórias, porém póstumas! Isto é, o narrador rememora sua vida após a morte, constituindo-se desse modo, num defunto-autor. Mas qual a finalidade de Machado de Assis ao criar um narrador que não existe mais? Ora para narrar sua vida com total liberdade, Brás Cubas teria de estar totalmente desligado das relações sociais de seu país, e com a sociedade na qual ele fazia parte.

E por último, escolhemos “Esaú e Jacó” pelo fato do autor ter retirado as máscaras das “verdades” que disfarçava o projeto de modernidade do país, projeto este que estava relacionado a interesses de poucos. A partir desta rápida discussão nos questionamos que Brasil foi recriado pelo autor em seus romances? E como este Brasil foi recriado?

Podemos afirmar, entre outras coisas, que o Brasil não foi tecido por Machado de Assis de uma forma inocente, ou seja, este foi pensado a partir de subjetividades, expectativas e preconceitos de todas as espécies. Deste modo, é notável as referências que o autor faz ao triângulo amoroso, a política, o dinheiro, o humor e o pessimismo.

No que diz respeito, ao triângulo amoroso geralmente formado por dois homens e uma mulher se constitui em tema presente nos três romances aqui apresentados. Em “Helena” e “Memórias póstumas de Brás Cubas” Machado de Assis representa por meio do Conselheiro Vale e de Brás Cubas as turbulências política e as ilegalidades consentidas pela sociedade senhorial brasileira no que diz respeito à liberdade dos africanos. Com isso, podemos dizer que os caprichos, os sentimentos de posse dos dois amantes em relação as respectivas mulheres provinham da “[...] hegemonia praticamente incontestada do paternalismo, da política de continuação assentada na imagem da inviolabilidade da vontade senhorial” (CHALHOUB, 2003, p. 73). Vontade esta sustentada no contrabando e escravização ilegal de pessoas livres.

Já na obra “Esaú e Jacó” há a disputa dos dois irmãos pela jovem Flora. Pedro que era monarquista representava o patriarcalismo, a vontade senhorial, os interesses dos grandes proprietários enquanto, Paulo representava a República, o moderno, o novo e o futuro. Mas porque Flora que era disputada por Pedro e Paulo morreu? Bem ela morreu porque a sonhada República não trouxe transformações para o povo brasileiro, já que esta só aconteceu em razão do apoio dos grandes proprietários ao marechal Deodoro.

Também as obras de Machado de Assis estão repletas de insinuações as quais, servem para reconstruirmos o ambiente político e social do século XIX. As obras apresentam uma série de vícios da vida política e social do Brasil. As obras “Helena” e “Memórias póstumas de Brás Cubas”, por exemplo, possuem como pano de fundo como bem nos lembra Sidney Chalhoub (2003) e Robert Schwarz (2000) a política cotidiana dos dependentes.

Em “Helena”, Machado construiu o personagem Dr. Camargo como um homem livre, porém dependente dos favores/ proteção da elite para sobreviver. Para isso ele se adequa, utilizando de todos os expedientes possíveis até mesmo usando sua filha para ascender socialmente. Também em “Memórias póstumas de Brás Cubas” a personagem D. Plácida é uma pobre mulher que costurava, fazia doces para vender e ensinava crianças

porém, para não cair na miséria acabou aceitando, apesar de ser uma devota do matrimônio, se tornar uma alcoviteira. Assim, ela cuidava da casa que era o lugar de encontro de Virgília e Brás Cubas em troca de proteção, casa e comida. No entanto, a mesma demorou:

[...] muito a aceitar a casa, farejara a intenção e doía-lhe o ofício, mas afinal cedeu. Creio que chorava, a principio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os dois primeiros meses, falava-me com eles baixos, seria , carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, [...] D. Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses, quem nos visse a todos três juntos diria que D.Plácida era minha sogra (ASSIS, 1997, p. 113).

Já em “Esaú e Jacó” possui como contexto, como já discutimos acima, a passagem do sistema monárquico para o republicano. Para isso, Machado de Assis constrói os irmãos Pedro e Paulo tão iguais fisicamente, mas, tão diferentes nas idéias e atitudes. Assim, Pedro representa o partido monarquista centrado no Rio de Janeiro e Paulo o partido republicano centrado em São Paulo. Ou seja, Pedro e Paulo representaram muito bem os dois estados irmãos os quais, se agitavam para mudar a situação política do país como faz alusão o trecho abaixo:

Foi um recurso hábil separa-los um ficava no Rio, estudando Medicina, outro ia para São Paulo, estudar Direito. O tempo faria o resto, não contando que cada um casava e iria com a mulher para seu lado. Era a paz perpetua; mais tarde viria a perpetua amizade. (ASSIS, 1981, p. 66).

O dinheiro, também é visto nas obras de Machado de Assis como um poderoso intercessor das relações humanas. Para isso, o autor faz uso do humor, quase sempre marcado pela ironia, ele também julga o ser humano e suas fraquezas ao mesmo tempo em que

demonstra piedade do homem. Assim, quando Brás Cubas diz: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos” (ASSIS, 1997, p. 49). O pessimismo percebido nesta frase não é atormentado nem desesperador. Já que ao mesmo que ele debocha dele mesmo, ele insinua que retirou algum prazer desta situação.

Concluimos assim, a partir desta rápida discussão que o autor Machado de Assis constrói nas páginas de suas obras um Brasil de uma sociedade tradicional cujas convenções disfarçava toda a violência de uma sociedade sustentada na escravidão, onde a dependência e o dinheiro eram vistos como soluções para todas questões geradas por uma estrutura social sustentada na divisão desigual dos bens e nas prerrogativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 4ª edição. São Paulo: 1997. (Coleção grandes leituras).

_____. **Helena**. 25ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **D. Casmurro**. 25ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Esau e Jacó**. Vol. 04. São Paulo: Egéria, 1981.

AZEVEDO, Silvia Maria; ASSIS, Marília e. Exercícios literários do jovem Machado et all. In___: **Seminário de Estudos Literários 2: 1992. Assis-SP.II Seminário de Estudos literários – Literatura: Leituras e releituras**. Coord. Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo, Dra. Suely Fadul Vilibor Flory. São Paulo: HVF – Arte & Cultura, Assis: FCL – UNESP, 1994.

BAGNO, Marcos. **Machado de Assis para principiantes**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

BARROS, José D’ Assunção. A história cultural francesa – caminhos de investigação. In___: **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**. Vol.2. Ano II, nº 04. Outubro / Novembro / Dezembro de 2005. (ISSN 1807 – 6971). Extraído em: < http://www.revistafenix.pro.br/fenix_5_josebarros.php > Acessado em: 30/03/2008.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas; Grandezas e misérias da biografia. In__: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína (orgs.) **Usos e abusos da História oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis : Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. O Mundo como Representação. **Revista das revistas**. Estudos Avançados 11(5), 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acessado em: 16/10/2007

COSTA, Emília Viotti da. Urbanização no Brasil no século XIX . In:___**Da monarquia à república**: momentos decisivos. São Paulo: 6ª ed Fundação Editora da UNESP, 1999.

FARACO, Carlos Vida & Obra Machado de Assis: Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora. In__: ASSIS, Machado de. **Várias Histórias**. São Paulo. 3ª edição. Ática,1998

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 2000.

_____. **O que é um autor?** . 4ª edição. Tradução Antônio Fernando Castais; Eduardo Cordeiro Alpiarça: Vargas, 2000.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense. 7ª ed. 1986.

MOTTA, Leda Tenório da . Um riso azul claro: pequeno exercício crítico em torno de Machado de Assis insólito. In __: BRATT, Beth; BASTOS, Neusa. **Imagens do Brasil: 500 anos**. São Paulo: EDUC, 2000.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. História e Literatura: Relação de sentidos e possibilidades. In __.: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JR., Antônio Germano. **Linguagens da História**. Fortaleza: Impreca, 2003 (Coleção Diálogos Intempestivos, 7).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: __. NODARI, E; PEDRO, J. M. IOKOI, Z. M. G. (orgs) **História: fronteiras/associação nacional de Historia**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; ANPUH, 1999.

REIS, José Carlos. As diversas faces da Escola dos Annales: continuidade e discontinuidades. In: **Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo** : Machado de Assis. São Paulo: Editora 34. 4ª ed., 2000. (Coleção Espírito Crítico).

SILVA, Vanuza Souza. A invenção da fala: Durval Muniz e a arte do historiador. **Balaio Universitário: Jornal do Ceres**. Caicó, 22 de set.2005. p. A -4 – 6.

VENTURA, Roberto. O Caso Machado de Assis. **Estilo Tropical- História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil 1870 – 1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a História**. Brasília. UNB, 1998.